

PROJETO DE PESQUISA E PRÁTICA DOCENTE: CONSTRUÇÃO COLETIVA NO CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO¹

Jordana Perkoski Dumke²

Lídia Inês Allebrandt³

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) proporciona aproximação dos estudantes dos cursos de licenciaturas com o ambiente escolar antes mesmo de concluir o curso de graduação. A relação entre escola, a universidade e os bolsistas proporcionada pelo PIBID, envolve a reflexão sobre as metodologias utilizadas em sala de aula, auxiliando na busca de novas práticas direcionadas a superação dos desafios na construção de uma educação de maior qualidade.

O presente relata experiência e análise do projeto de pesquisa e prática docente “Construção coletiva no campo da alfabetização”, desenvolvido em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola da rede de ensino do município de Ijuí, por meio de inserção no PIBID. O projeto pedagógico teve como objetivo principal ampliar o entendimento das concepções e práticas desenvolvidas pela professora regente da turma em relação à alfabetização e qualificar nossa formação docente por meio de uma prática alfabetizadora na perspectiva de aprofundar o conhecimento dos educandos sobre o funcionamento do sistema de escrita e da leitura.

A docência compartilhada nos possibilitou conhecer a metodologia de ensino da professora, os alunos, e suas práticas de ensino e de aprendizagem, e também aspectos que ainda os inquietavam em relação ao funcionamento do sistema de escrita e que foram o foco da prática. Durante os momentos em que acompanhamos a turma realizamos sondagens diagnósticas que possibilitaram perceber que as crianças tinham a curiosidade de saber a história de nosso alfabeto. Durante as aulas surgiam dúvidas como, “*De onde vêm as letras?*”, “*Como as letras nasceram?*”, “*Quem criou as letras?*”. Diante disso, propusemos uma prática alfabetizadora englobando a história do sistema de escrita e do alfabeto que conhecemos hoje

¹ Relato de prática docente alfabetizadora desenvolvida no componente curricular Didática da Alfabetização do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, jordanadumke@hotmail.com.

³ Professora Mestre do Departamento de Humanidades em Educação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, lidia@unijui.edu.br

e com o qual escrevemos nossa língua. Buscamos atender às curiosidades das crianças e propiciar que reconhecessem o sistema de escrita como uma construção humana, histórica e social e de suma importância em nosso cotidiano.

Acreditamos que a alfabetização é um dos processos, da educação formal, mais importantes na vida do ser humano, já que ele, desde que nasce, insere-se numa sociedade letrada e interage com a linguagem escrita, lendo e buscando compreender o mundo à sua volta. É inegável a importância da apropriação do sistema alfabético de escrita, mas a inserção social do leitor no mundo da escrita deve ter continuidade com intervenções didáticas sequenciadas e pautadas nos diferentes gêneros discursivos, visando à formação do leitor crítico.

Estudando a origem da alfabetização constata-se que a leitura e a escrita surgiram devido às necessidades da comunicação do dia a dia da humanidade. Representamos a fala através da escrita alfabética e com o uso das letras, portanto, para ler e escrever devemos seguir regras e as combinações de letras. Ao inventar a escrita, o homem também fez surgir a necessidade de que ela continuasse a ser usada e passada para as novas gerações. Através da utilização de marcas, desenhos e sinais o homem começou a construir a história da escrita. Segundo Zatz (2001, p. 13), escrevemos “[...] para mostrar o que pensamos e sentimos; para dar avisos; fazer contas; de tal que forma que nossos pensamentos, sentimentos, informações e dados possam durar”.

A prática docente alfabetizadora iniciou com conversa sobre nosso sistema de escrita e sobre sua importância em nossa comunicação. As crianças foram questionadas sobre como achavam que nosso sistema de escrita foi criado, nenhuma resposta surgiu. Então lhes explicamos que nossos ancestrais, os homens das cavernas, utilizavam os desenhos para se comunicar e lhes mostramos imagens de desenhos feitos por eles. Em seguida os questionamos sobre como eles “escreviam” antes de conhecer nosso sistema de escrita e alguém disse “*eu fazia riscarias!*”. A resposta veio de encontro ao planejamento, então lhes mostramos um portfólio contendo garatujas e desenhos infantis. “*É verdade profe, no prézinho nós só fazia desenhos como os homens das cavernas!*”, falou uma das crianças.

Partimos, então, para um momento de experimentação. Inicialmente, os questionamos se eles pensavam que os homens sempre escreveram com lápis, uma criança disse que achava que não, porque sua avó contou que na época em que ela frequentava a escola eles levavam uma tábua de barro e escreviam com uma pedra. Em seguida, as crianças puderam manusear e explorar as múltiplas possibilidades de utilização de alguns materiais que historicamente já foram utilizados para escrever – pena, tinta, carvão, tábua de argila e papel manteiga. Para finalizar, conversamos e refletimos sobre como os materiais evoluíram e facilitaram a escrita,

como aponta a fala de um aluno *“ainda bem que hoje tem lápis, porque escrever com pena é ruim, né profe?!”*.

Historicamente, a escrita data de cerca de 5.000 anos antes de Cristo. Com relação à necessidade do surgimento da escrita para o cotidiano humano, o enfoque proposto por Cagliari (1998, p.14) aponta que:

De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários.

Em seguida, lhes contamos a história *“O livro das letras”* (2002), onde eles puderam ver figuras dos povos fenícios, gregos e romanos (pioneiros do alfabeto) e também a representação da evolução de algumas letras do alfabeto fenício até chegar no alfabeto que conhecemos hoje e com o qual escrevemos. Como sabemos, um planejamento deve ter caráter flexível e isso foi provado nesse ponto da prática quando surge o inesperado. O objetivo do momento era apenas discutir sobre os povos e mostrar imagens dos mesmos às crianças, mas o instinto curioso das crianças as fez quererem saber aonde esse povo morava. Então, em um globo terrestre que ficava na sala sinalizamos onde nos encontrávamos e onde os três povos se localizavam há cerca de três mil anos atrás. Esse momento inusitado foi de muita relevância, pois muitas foram as vezes em que vi as crianças manuseando o globo sem compreendê-lo. Assim, pudemos lhes explicar que ali estão representados locais e que nos encontramos em um desses locais, em Ijuí.

Conforme destaca Ferreiro (1985, p. 12), *“a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”*. Por excelência, a escrita é produto cultural. Segundo Tfouni (2002, p. 10), *“o processo de difusão e adoção dos sistemas escritos pelas sociedades antigas [...] foi lento e sujeito, é óbvio, a fatores político-econômicos”*. Desde sua origem, a escrita está associada as relações sociais e, conseqüentemente, aos jogos de poder e dominação. Portanto, ela também está atrelada ao desenvolvimento social, cognitivo e cultural dos povos.

Sistematizamos os estudos acerca do apanhado histórico das letras e de nosso alfabeto através da construção de cartazes e desenhos. O primeiro cartaz continha as letras de nosso alfabeto, o segundo as letras do alfabeto grego e o terceiro a evolução de algumas letras do alfabeto fenício até chegar em nosso alfabeto. A ideia inicial era elaborar somente os dois primeiros, mas ao contar a história *“O livro das letras”* (2002) – onde estavam representadas algumas dessas evoluções – as crianças fizeram observações tão minuciosas e relevantes que me fizeram propor o terceiro cartaz que teve uma boa aceitação por desafiar a atenção e o traço

das crianças. Por fim, foram feitos desenhos a partir das histórias contadas e da imaginação das crianças acerca da historicidade das letras.

Como educadores devemos ter claro que as crianças aprendem a partir de uma totalidade, ou seja, não aprendem por partes. Desse modo, trabalhar a história da escrita e das letras é um modo de situar os alunos na história e mostrar seu papel como protagonistas da mesma. Conforme destaca Cagliari (1998, p. 166),

As letras já foram um sistema de escrita muito mais fácil do que são hoje. E por isso pode servir de motivo para se introduzir um pouco da história da escrita e das letras do alfabeto, mostrando seu caráter pictográfico antigo e na época em que havia pouca variação na forma gráfica das letras.

Após os apanhados históricos, realizamos a montagem de um tabuleiro do alfabeto. Cada criança deveria representar em uma folha uma letra do alfabeto que posteriormente foram distribuídas no chão da sala de aula na sequência alfabética. Em seguida, apresento uma caixa de objetos surpresa, a mesma continha vinte e seis objetos distintos e cada criança deveria retirar um, falar seu nome e com base a letra inicial colocá-lo em seu devido lugar no tabuleiro. Para finalizar esse momento nos organizamos em círculo em volta do tabuleiro para conversar sobre os objetos e seus nomes. Conversamos sobre o *waffer* que começa com *w* e eles pensavam que começava com *u* de urso, sobre o tamanho da pena e sobre o disquete que eles não conheciam. Assim, espontaneamente, a conversa foi fluída e as crianças puderam ampliar seu repertório de palavras e, valorizando as distintas formas de texto, trabalhei a escrita de forma contextualizando, rompendo com a tradição dos alfabetizadores de focar apenas em palavras “soltas”. Como destaca Jolibert (1994), o aluno vai se aproximar da escrita em contato com textos, vai ler e produzir textos, dessa forma entende-se que escrever palavras isoladas e fora de contexto não o tornaria alfabetizado.

Por fim, realizamos um circuito de jogos dedicados à alfabetização promovendo um ensino mais lúdico de forma que as crianças pudessem refletir sobre o sistema de escrita. Os jogos disponibilizados à escola como estratégia didática desenvolvida pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e mobilizam saberes acerca da lógica do funcionamento da escrita.

A partir de longas sondagens diagnósticas possibilitadas pela docência compartilhada, os conceitos e conteúdos abrangidos na prática foram organizados para responder as dúvidas das crianças considerando as múltiplas realidades, sua sede por conhecimento e espírito curioso. A proposta do projeto que envolveu a pesquisa e prática, nos possibilitou dois conhecimentos fundamentais: por meio da pesquisa ampliamos o entendimento das concepções e práticas desenvolvidas pela professora em relação à alfabetização e pelo desenvolvimento de um projeto

pedagógico qualificamos nossa formação docente no campo da alfabetização.

Através do diálogo de conhecimentos com as crianças e com a professora concluímos que o professor alfabetizador não deve prender-se apenas a atividades estruturadas. É necessário elaborar um planejamento flexível, condizente com o contexto escolar e comprometido em atender as demandas específicas de cada criança em relação à sua aprendizagem. A inserção no PIBID, assim como outras experiências docentes como estágios, nos levam a compreender que o professor deve atuar na mediação entre a criança e o conhecimento, proporcionando momentos atrativos, envolvendo o lúdico e a interação.

Palavras-chave: Infância; Educação; Anos Iniciais.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed, 1985.

JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Tradução de B. C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. **O livro das Letras**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ZATS, Lia. **Aventura da escrita: história do desenho que virou letra**. São Paulo: Moderna, 2001.